

O perigo mora na Europa

Robert Shapiro

por Diego Viana

Ana Paula Paiva/Valor



Para Shapiro, ex-subsecretário de Comércio dos EUA, o Brasil tem a oportunidade única de aproveitar sua condição demográfica, mas deve expandir o investimento em educação

O cenário não é brilhante, mas é positivo para a economia dos EUA, segundo o economista americano Robert Shapiro, ex-subsecretário de Comércio dos EUA na gestão de Bill Clinton e hoje presidente da consultoria Sonecon. Saída da recessão, a economia não teve o ano de crescimento forte que se esperava, mas deve voltar aos trilhos já no segundo trimestre. Porém, a crise da dívida soberana na zona do euro pode comprometer a recuperação, se houver um efeito dominó que parta da Grécia e atinja os grandes bancos franceses e alemães.

Em 2008, Shapiro publicou o livro "A Previsão do Futuro" (Futurecast), que traçava um cenário para a economia e a política do mundo em 2020. A projeção estava organizada em três eixos: a demografia, a geopolítica e a globalização. Para Shapiro, a demografia indicava o envelhecimento da população nos países ricos e a transferência do bônus demográfico, período em que a população está mais concentrada na idade produtiva, para os emergentes. A geopolítica indicava o fim gradual da era da superpotência única: na Ásia, mas só lá, a China teria força suficiente para manter os EUA afastados. Já a globalização da economia só deveria se intensificar, movida pelo desenvolvimento tecnológico.

Só uma coisa seria mudada no livro, segundo o autor, se escrito hoje. "A tecnologia seria o quarto vetor, não só um ramo da globalização", diz. Apesar da crise financeira americana, que se transferiu para a Europa, Shapiro acredita que os EUA seguirão como principal potência econômica e militar do mundo, seguida a distância pela China. Europa e Japão não vão recuperar a prosperidade e os emergentes, como Brasil e Índia, terão responsabilidades proporcionais às ambições.

O economista falou ao Valor no hotel em que se hospedou em São Paulo, onde esteve para participar de um evento paralelo do seminário Fronteiras do Pensamento. Em seguida, Shapiro partiu para o Rio, para um encontro do Fundo Monetário Internacional (FMI), do qual é consultor.

Uma razão para o FMI não ser rigoroso nesta crise é ser na Europa. Que surpresa! Ela não vai dizer a si própria que tem de abrir mão dos programas sociais

Valor: A recuperação dos EUA é confiável? Quanto crescimento podemos esperar em 2012?

Robert Shapiro: Há dois cenários. No primeiro, não há um novo choque na economia. Houve dois choques recentemente, o desastre no Japão, que interrompeu cadeias de fornecimento no mundo inteiro, e os preços do petróleo. Todos sofremos com isso. Se a economia americana for capaz de acomodar esses choques, podemos ver um crescimento entre 3% e 3,5% no segundo semestre e de 3,5% a 4% no ano que vem. Isso seria uma recuperação decente. A economia parece progredir num padrão normal, mas em nível mais baixo. Depois de uma recessão profunda, seria normal um ano de crescimento a 6%, um repique. Mas ele não veio desta vez. Agora 3,5% no segundo semestre e 4% no ano que vem já é um bom resultado, contribuiria bastante para a reeleição de Barack Obama.

Valor: O senhor é otimista para a reeleição?

Shapiro: Sim, Obama é um grande político e os eleitores gostam muito dele, mesmo aqueles que não gostam de suas políticas. Enquanto o Partido Republicano vai passar os próximos meses em disputa interna, gastando muito dinheiro, Obama vai estar em campanha sozinho, lembrando a todos como ele é adorável. E vai captar US\$ 1 bilhão...

Valor: Voltando à economia, como é o segundo cenário?

Shapiro: O choque que me preocupa é a dívida soberana na zona do euro. Não acho que alguém creia, fora dos departamentos de relações públicas de Angela Merkel [premiê alemã] e Nicolas Sarkozy [presidente francês], que a Grécia possa escapar da moratória. Vão chamar de reestruturação, mas ela vai ter cara de default? O valor dos títulos vai ser reduzido em 50%, 60%? Se for, vai ser um golpe muito grande para os detentores.

Valor: Quem são esses?

Shapiro: Sobretudo os bancos europeus. Claramente o governo grego não é capaz de produzir a austeridade que a zona do euro exige. Mas a Europa não pode se dar ao luxo de não resgatar a Grécia. O resgate já está engatilhado, não só para a Grécia, mas também para Portugal e a Irlanda. Essas economias são todas pequenas e o peso de seus títulos nos bancos europeus não é enorme. Eles podem absorver isso. O perigo é a Espanha, uma economia grande. Os bancos franceses e alemães têm US\$ 600 bilhões em dívida espanhola. Se a moratória de países pequenos espalhar o pânico entre investidores, o alvo seria a Espanha. Os sistemas financeiros da França e da Alemanha seriam bem atingidos. Teríamos outra crise financeira.

Valor: Como isso afeta os EUA?

AP



Para Shapiro, Barack Obama deve se reeleger, porque o eleitor gosta dele mesmo que não goste de suas políticas

Shapiro: Seriamente, embora os bancos americanos não tenham muitos títulos da dívida espanhola. Mas eles são garantidores de todos os grandes bancos alemães e franceses. A solvência desses bancos será problemática se a Espanha cair. Essa moratória provocaria questões sérias sobre a dívida italiana também. O cenário mostra um potencial de efeito dominó terrível. E isso nos traz de volta para onde estávamos no fim de 2008.

Valor: Qual é o efeito sobre o crescimento?

Shapiro: Não sei. Os grandes bancos americanos têm relações com os europeus, mas não sabemos exatamente o quanto estão expostos.

Valor: Poderia atirar os EUA de volta na recessão, um "double dip"?

Shapiro: Não. Os EUA ocupam um lugar muito diferente no sistema financeiro mundial em relação à França e à Alemanha. Somos muito maiores que o tamanho combinado das duas. A economia e o sistema financeiro americanos são muito mais globalizados e de uma maneira muito mais extensa. Isso nos dá alguma segurança. A economia real americana também é mais forte que a europeia.

Valor: Teríamos o Lehman Brothers europeu?

Shapiro: Se a Grécia for Bear Stearns, a Espanha será Lehman Brothers. Obviamente, os europeus farão de tudo para evitar isso. Seria uma catástrofe para a Europa. A questão é a disposição do público na França e na Alemanha para um resgate. Do ponto de vista europeu, não é só um caso financeiro. É um caso político. O projeto europeu vai continuar a avançar em sua configuração atual? Acho que a probabilidade de acontecer um choque na Europa é real, mas não inevitável. É de menos de 50%. Seria um choque global, mas fora isso, estou bastante confiante sobre um crescimento aceitável nos EUA.

Valor: Seu livro foi escrito logo antes da crise e publicado em 2008. Os tempos desde então foram difíceis. Algo mudou na sua visão?

Shapiro: Não previ nada disso, o que não depõe muito a favor de um livro de previsão. É verdade que apontei problemas no sistema financeiro global, mas o que eu temia era uma crise do dólar. Era disso que falava quando mencionei, para políticos e empresas americanos, um alçapão debaixo da economia dos EUA. Eu não vi o que estava vindo.

Valor: E quanto às forças que o senhor aponta: demografia, globalização, geopolítica?

Shapiro: A evolução geopolítica sinalizava o fim de um equilíbrio de poder geoestratégico com um único superpoder, militarmente e, embora não o único grande poder econômico, numa classe particular economicamente. Os EUA continuarão sendo o garantidor da paz regional, das rotas marítimas e aéreas de comércio etc. É interessante. Se pensarmos na Primavera Árabe, ela jamais poderia ter acontecido se a União Soviética ainda estivesse de pé. Esse tipo de problema se tornava uma instância da competição geoestratégica. Os soviéticos teriam se envolvido, os EUA teriam outras questões...

Valor: Mas poderia ter acontecido com Bush?

AP



Ninguém, fora dos departamentos de relações públicas de Angela Merkel e Nicolas Sarkozy, acredita que a Grécia poderá evitar uma moratória

Shapiro: Não. Nem pensar. Houve um grande debate no governo Obama sobre o quanto se deveria intervir. O foco do governo Bush teria sido sempre no Irã e secundariamente no Iraque. Eles viam os regimes que estão passando por sublevações como uma barreira contra a influência do Irã.

Valor: E a globalização?

Shapiro: Não vejo mudanças no curso da globalização. A tecnologia só fez avançar mais, criando redes globais e introduzindo meios para que países em desenvolvimento deem saltos, ou seja, crescer e modernizar-se muito mais rápido do que o fizeram os EUA, o Reino Unido, a Alemanha, o Japão. A crise não perturbou os circuitos da economia global. Ela tornou as instituições financeiras mais pobres, depois mais ricas, como sempre. Houve também uma forte queda no comércio internacional, porque houve uma forte queda na demanda. Quando a demanda se recuperou, o mesmo aconteceu com o comércio. As economias globalizadas não mudaram sua atividade. A bem da verdade, para instituições financeiras, criou-se até um incentivo para globalizar mais: era preciso sair dos EUA. O perigo teria sido eventualmente a crise virar a opinião cultural no mundo contra a globalização. E isso não aconteceu.

Valor: A opinião virou-se apenas contra a desregulação dos mercados financeiros.

Shapiro: Não sabemos ainda. Houve um pouco de aumento de regulação financeira, algum controle de capitais, mas nada em economias importantes que indicasse uma era mais protecionista. A certa altura, pareceu que aconteceria um processo nessa direção, mas não se concretizou.

Valor: O que aconteceu com a demografia?

Shapiro: Não mudou e o Brasil está no olho do furacão. A demografia brasileira é bem perturbadora. Houve um colapso na taxa de natalidade, logo em seguida a uma enorme expansão, como aconteceu com outros países e chegou ao Brasil uma geração mais tarde do que aos EUA, à Europa ocidental e ao Japão. Exatamente agora, o Brasil está na situação perfeita para aproveitar os dividendos desse processo. Foi o que fizeram os tigres asiáticos. Quando há essa geração grande, é preciso aumentar drasticamente o investimento em educação, para que a geração do boom seja qualificada, e é preciso aumentar a taxa de investimento, para que as empresas possam criar os empregos que essa geração ocupará. Caso contrário, haverá problemas enormes: alto desemprego para um contingente gigantesco de gente jovem; como resultado, um potencial de perturbações sociais. O Brasil tem investido mais e melhor em educação, mas nem de perto o suficiente.

Valor: Joseph Stiglitz via em Dominique Strauss-Kahn um reformador do FMI, afastando-o das medidas ortodoxas. Sem ele, o que podemos esperar do Fundo?

Shapiro: Também sempre achei o FMI austero demais, mas a verdade é que o resultado, no fim das contas, foi muito bom. Houve recuperações excelentes na Ásia. Acredito que uma das razões para que o FMI não seja tão rigoroso nesta crise é o fato de envolver a Europa. Que surpresa! A Europa não vai dizer a si própria que tem de abrir mão dos programas sociais. A zona do euro está organizada de forma insustentável e a crise só revelou isso.

Valor: E se um não europeu assumir?

Shapiro: Não acho que um candidato de país emergente faria diferente. Haveria mais atenção para esses países, mas, ao mesmo tempo, qualquer um que seja escolhido vai compartilhar da visão geral do establishment financeiro internacional. Certamente não vai ser Joseph Stiglitz, pouco importa a cidadania que ele escolha. Vai ser uma figura bastante ortodoxa. Não há dúvida de que Strauss-Kahn fez um excelente trabalho no FMI.

Valor: Mas os emergentes estão fazendo exigências de maior peso.

Shapiro: O FMI era dominado pelos EUA e a Europa porque esses dois pagavam todas as contas. A Índia, o Brasil e os demais emergentes vão ter mais peso se pagarem mais. Todo o dinheiro vem dos países-membros e existe um bilhete de ingresso para a autoridade. É assim que ele está organizado e o mesmo vale para o Banco Mundial e até para a ONU [Organização das Nações Unidas].

Valor: No caso da ONU, muitos países bastante poderosos são inadimplentes... Mesmo os EUA.

Shapiro: É verdade [risos]. Mas, de tempos em tempos, sempre acabamos pagando. Eles sabem que somos bons pagadores. O que acontece é que essa despesa acaba enredada na política interna americana.

Valor: O Brasil reivindica um assento permanente no Conselho de Segurança.

Shapiro: Se a ONU tem um papel no mundo, é preciso repensá-la, para refletir a realidade. Não só adicionando gente ao Conselho de Segurança. É preciso inventar um novo modelo. Países como o Brasil e a Índia vão sentir que têm pouca voz lá dentro. A Índia sempre será uma preocupação, porque está sentada na região mais volátil do mundo. Teremos de repensar todas as instituições internacionais, organizadas na linha proposta pelos EUA quando todo o poder estava com os americanos. O mundo passou 50 anos terceirizando sua segurança seja para os EUA, seja para a União Soviética. Nos últimos 20 anos, só para os EUA, hoje o único país capaz de projetar forças em qualquer lugar e as manter lá. Se o resto do mundo quer ter voz, vai ter de participar. E vai custar um dinheirão.

Valor: O senhor critica as medidas de austeridade que muitos países desenvolvidos têm tomado, mas se a crise é de endividamento, qual é o espaço para uma postura menos ortodoxa?

Shapiro: Acredito que a chamada "consolidação fiscal", ou seja, a redução dos déficits, foi prematura. As economias ainda estavam muito frágeis, porque economias que estão saindo de crises financeiras são muito mais fracas do que quando saem de recessões normais. Acho que os eventos demonstram que eu estava certo, porque os países que fizeram isso começaram a declinar. Eles podem voltar, e vão voltar, mas achei que era uma atitude desnecessária. Os alemães são notoriamente hipersensíveis à inflação. Minha visão é que não havia sinais significativos de inflação nas economias avançadas, afora a volatilidade no preço das commodities.

Valor: A inflação é a primeira preocupação de quase todos os governos, hoje.

Shapiro: Há um debate entre economistas sobre o custo relativo de arriscar um pouco mais de inflação ou um pouco mais de estagnação. Até certo ponto, matematicamente os custos são maiores na estagnação do que na inflação. O custo em inflação tende a ser pago por gente que investe no mercado financeiro, ou seja, os ricos, ou pessoas idosas, cuja renda é fixa. Os custos da estagnação são sentidos por trabalhadores. Parte disso é um debate político que usa a economia como espelho. E parte é um debate econômico mesmo.

Valor: Fala-se em guerra cambial devido à abundância de dólares. E essa guerra poderia se tornar comercial, também.

Shapiro: A guerra comercial é uma possibilidade, sim, mas o perigo maior foi há um ano. Hoje é menor. Esse é um debate que logo estará encerrado: a capacidade dos governos para afetar o câmbio é cada vez menor. O motivo é o mercado global de capitais, que é tão maior que todo mundo. Nem os EUA conseguem fazer isso. É sempre possível, no curto prazo, comprar ou vender muito de sua moeda, mas não por muito tempo. Fica muito caro. Os chineses perderam uma fortuna fazendo isso. O fato é que não é possível ser uma potência econômica moderna sem uma moeda conversível estável. O perigo era menor do que tínhamos. Se a economia global despencar de novo, a pressão será bem maior. Se a demanda mundial cair, haverá um bolo menor de exportações para cada país brigar. E vão começar a procurar o que houver de manobrável. No curto prazo, o único ponto acessível e aceito pela OMC é o câmbio.

Fonte: Eu & fim de semana, São Paulo, ano 11, n. 552, p. 7-9, 27, 28 e 29 maio 2011.